



## **Identidade Quilombola e reconhecimento étnico: uma abordagem conceitual dos estudos culturais em comunicação<sup>1</sup>**

Cristóvão ALMEIDA<sup>2</sup>

Aline Cristine SANTANA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

### **RESUMO**

O presente artigo pretende fazer uma abordagem conceitual dos pareceres constitutivos dos estudos culturais em comunicação, que envolvam a questão da representatividade quilombola como elemento de identidade cultural. A abordagem traz, em parâmetros iniciais de pesquisa, uma fundamentação do conceito de identidade e qual a significação deste estudo no âmbito da comunicação. Para isso, elencou-se os conceitos pós-modernos, a entender em Hall, Cuche e Bauman, a definição mais usual de identidade; e em Ortiz e Gohn, uma aproximação destes conceitos com a realidade brasileira especificada pela apropriação do espaço e do reconhecimento cultural dos Quilombos.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Comunicação; Identidade étnica; Identidade cultural.

### **1. INTRODUÇÃO**

A partir dos conceitos empregados nos estudos culturais voltados à análise crítica das teorias da comunicação (derivados da Escola de Frankfurt), procurou-se enxergar como a questão da representatividade e identidade cultural pode ser arraigada no contexto brasileiro. Para isso, tomou-se por base a identidade dos Quilombos enquanto elementos étnicos enraizadores da formação de grupos negros, que buscaram a afirmação e libertação social destes indivíduos na sociedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – GP de Comunicação para a Cidadania, do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Comunicação Social – habilitação Relações Públicas com ênfase em produção cultural, na Universidade Federal do Pampa - e-mail [cristovaoalmeida@unipampa.edu.br](mailto:cristovaoalmeida@unipampa.edu.br)

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, 5º semestre, na Universidade Federal do Pampa – e-mail [alinstelly@gmail.com/](mailto:alinstelly@gmail.com/)



No percurso desta pesquisa, a análise cultural dos Quilombos se fará: a) a partir da fundamentação teórica que permita o entendimento exógeno do que estes elementos significam para a sociedade contemporânea; b) e, depois, a interpretação dos símbolos internos deste grupo. Assim, a metodologia de pesquisa dependerá: a) da prescrição conceitual das bibliografias básicas e mais usuais para o estudo de identidade cultural; b) seguida da experiência no meio (fator ainda não empregado neste trabalho) que constituirá o caráter empírico-documental da pesquisa.

Tendo em vista a dimensionalidade temática que a pesquisa pretende envolver, considera-se este texto o parâmetro inicial desta abordagem temática *identidade e reconhecimento étnico dos Quilombos* nos estudos culturais da comunicação. O texto é o princípio de uma análise que se constrói a partir de perspectivas gerais, servindo de apoio para futuras especificações. Portanto, as discussões colocadas aqui se referem principalmente aos conceitos da comunicação, deixando de lado, por ora, a profundidade histórica e crítica da formação destes grupos. Coloca-se, assim, a necessidade primária de reconhecer nos fundamentos dos estudos culturais, os fatores que justificam o reconhecimento sociocultural desses grupos ainda tão representativos na sociedade brasileira.

### **1.1 A construção da identidade étnica e o reconhecimento**

Vários autores dentre eles, Cuche (1999), Bauman (2005), Hall (2006), Ortiz (2006) e Gohn (2008) tecem importantes análises sobre as diferentes concepções do conceito de identidade e esses autores são unânimes em dizer que é difícil estabelecer uma definição justamente por conta do caráter multidimensional e dinâmico do conceito de identidade. É essa dinamicidade que confere, de acordo com Cuche (1999, p. 196), a “sua complexidade, mas também o que lhe dá sua flexibilidade representativa. A identidade conhece variações, presta-se a reformulações e até a manipulações”.

A respeito do conceito de identidade, Bauman (2005, p. 83) afirma que estar diante dessa palavra, deve-se ter ciência

[...] de que está havendo uma batalha. O campo da batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega.



Assim, não se pode evitar que ela corte dos dois lados. Talvez possa ser conscientemente descartada, mas não pode ser eliminada do pensamento, muito menos afastada da experiência humana. A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado. (BAUMAN, 2005, p. 83)

Diante destas questões levantadas pelo autor a respeito desta categoria analítica é importante revisitar outras concepções sobre identidade. Nessa empreitada conceitual, Cuche alerta que existe forte “desejo de se ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos” (1999, p. 175). Por isso, o autor observa que inicialmente os teóricos se empenharam em ligar a identidade com a questão genética. Nesse sentido, a identidade vincula-se a origem e as raízes do sujeito, pois nessa linha de pensamento, Cuche diz que “recebemos como herança e da qual não podemos escapar, conhecemos a identidade como um dado que definiria de uma vez por todas o indivíduo e que o marcaria quase indelével” (1999, p. 178).

Com forte apelo ao vínculo de parentesco, sentimento de afinidade, a identidade é uma condição, os sujeitos a aceitam. Esse conceito apesar de estar superado, é a base que gerou as demais elaborações afirmativas para o tema. Cuche afirma que os sujeitos nascem “com os elementos constitutivos da identidade étnica e cultural, entre os quais as características fenotípicas e as qualidades psicológicas que dependem da mentalidade, do gênio próprio do povo ao qual ele pertence” (1999, p. 177).

Entretanto, para Bauman, o pertencimento e a própria identidade “não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (2005, p. 17). Pode-se dizer que as identidades pautadas nessa lógica se definem antes mesmo dos sujeitos nascerem. Nessas condições, essas pessoas não são protagonistas das decisões identitárias e, portanto, agem de acordo com as determinações do grupo.

Certamente essa concepção primordialista da identidade, caracterizada pelo sentimento de afinidade e vínculo de parentesco, recebe críticas<sup>4</sup> e foi superada, mas a

---

<sup>4</sup> As críticas surgem de dois modos. Uns entendem que esse modelo ignora os ambientes econômicos e políticos no qual os grupos se manifestam. Outros tecem críticas porque os vínculos se prendem apenas no caráter afetivo e emocional. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011).



partir dela foram elaborados os demais conceitos de etnicidade (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). A abordagem culturalista é uma delas. Essa corrente entende que a identidade não está exclusivamente pautada na herança biológica, ela é importante, mas não deve determinar, com exclusividade, as ações do sujeito. A cultura também tem seu valor no interior do grupo, ela ajuda a estabelecer os contatos, as relações e promove os vínculos sociais, nas palavras de Cuche (1999, p. 180), a identidade ligada à cultura é “vital ao grupo étnico”. Pois de acordo com o autor é através da cultura que o grupo partilha as alegrias, as emoções, a solidariedade, a cooperação, entre outras ações estruturantes para o convívio social.

É importante destacar que a partir da abordagem cultural existem alguns desdobramentos propostos por Cuche (1999) que merecem atenção, pois resultam em alguns posicionamentos atuais a respeito da definição de identidade. Para o autor essa vinculação da identidade à cultura se estabelece através de critérios, que Cuche (1999) denomina de objetivos aqueles ligados a origem, a língua, a religião, aos costumes e subjetivos por conta da dimensão variável da identidade. Por isso, a dimensão subjetiva supera a ideia de uma identidade como algo que se recebe e permanece imutável.

Dependendo da centralidade que se der, em uma ou outra dimensão, pode causar impasse conceitual. Por isso, Cuche (1999) apresenta a concepção relacional e situacional ao conceito de identidade. Para ele,

[...] a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais. (CUCHE, 1999, p. 182)

O contexto relacional e processual da identidade defendido por Barth, ainda nos anos 60, supera as demais dimensões ligadas à origem, ao parentesco, ao biológico, a relativização da identidade e, põe em pauta a questão das trocas sociais, “o contato cultural e a mobilidade das pessoas e a persistência dos grupos étnicos como unidades identificáveis pela manutenção de suas fronteiras”. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 112). Com isso, o centro do debate sobre o conceito de identidade



passa a se ancorar no grupo social, mas frisando a sua dinamicidade, a dimensão processual e a possibilidade do sujeito estabelecer negociação no interior do grupo.

Hall (2006) também situa o debate sobre identidade a partir de três concepções: a primeira aproxima o sujeito do iluminismo. Conectar a identidade a luz do iluminismo é ter presente a sua racionalidade e a auto-suficiência do sujeito. Nessa visão, o indivíduo fica no centro das ações, justificando, de acordo com Hall “a essência do eu” (2006, p. 11). Por sua vez, a concepção do sujeito sociológico se forma nas trocas sociais com outras pessoas. É sabido que se considera a essência das pessoas, mas à medida que se estabelece as trocas socioculturais, outros valores são incorporados e ressignificados, podendo ser, conforme observa Hall “modificados num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem” (2006, p. 11).

A terceira concepção do autor sugere que o mundo contemporâneo oferece ampla possibilidade de contatos e trocas, formando a identidade do sujeito pós-moderno (HALL, 2006). Esta concepção de identidade deve ser compreendida no plural (SODRÉ, 1983) porque passa a ser composta por várias identidades, tornando-a fragmentada. Já na metáfora apresentada por Canclini, “as identidades podem ser mais camisa do que pele” (2007, p. 44), comparação que na atualidade possui pleno sentido devido aos tamanhos, cores, estilos e as formas variadas de utilização da roupa. Assim, também é a identidade do sujeito pós-moderno:

[...] À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.  
(HALL, 2006, p. 13)

Com isso, as identidades tradicionais, consideradas rígidas, estáticas, previsíveis são confrontadas com as oportunidades de trocas e de estar junto no sistema globalizado. Com esse viés, a globalização mexeu com essas estruturas e fez com que as identidades se diversificassem cada vez mais. Para Bauman (2005, p. 33), os modelos das teorias tradicionais mostram insuficiência e ficam “desconfortáveis e incontroláveis para acomodar todas as identidades novas, inexploradas e não experimentadas que se encontram tentadoramente ao nosso alcance”. O autor vai além e diz que a construção



da identidade assume, dentro dessa lógica, “as experimentações infundáveis” (p. 91), isto é, servindo como teste e uso.

## **2. QUESTÕES DE IDENTIDADE NA REALIDADE NEGRA BRASILEIRA**

Aproximando essas diferentes concepções de identidade sobre a realidade brasileira, os argumentos de Ortiz (2006, p. 33) são exemplares. Ele recorda que os primeiros estudos sobre a questão do negro surgiu com Nina Rodrigues, no final do século XIX. Muito embora o “modelo utilizado para se pensar a sociedade brasileira ainda fosse o da Idade Média” (ORTIZ, 2006, p.33), o mesmo visualizava o passado de glórias dessa sociedade para compreender o presente, ainda que não fizesse uma atualização dos seus contextos. O autor acusa que antes do movimento abolicionista a identidade negra era desconsiderada nos estudos e em diversas literaturas as qualidades atribuídas ao negro eram de submissão.

Esse processo negativo da identidade do negro começa a ser revista e superada a partir do século XX, com o ingresso de novas conjunturas sociais e políticas no país, tais como: a aceleração industrial, o êxodo rural, dentre outros acontecimentos que reorientaram o debate, deslocando a ênfase nos traços biológicos e essencialista do negro para introduzir a questão da história e da cultura no debate sobre identidade étnica. Para Ortiz (2006, p. 41), o mentor dessa nova conjuntura teria sido Gilberto Freyre, na medida em que

[...] transforma a negatividade do mestiço em positividade, o que permite completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada. Só que as condições sociais eram agora diferentes, a sociedade brasileira já não mais se encontrava num período de transição, os rumos do desenvolvimento eram claros e até um novo Estado procurava orientar essas mudanças.

Ortiz (2006) mostra que os estudos sobre a identidade, a partir de Freyre, ajuda na construção da identidade nacional do brasileiro. Dado o pontapé inicial, os autores se dedicaram na definição da identidade étnica. Para o autor, o empenho desses pesquisadores, aos quais denomina de mediadores simbólicos, reposiciona, cada um a seu modo, a temática da identidade étnica no cenário nacional. É sabido, pois, que as



manifestações culturais da população negra sempre existiram, sendo, portanto, necessário compreender a construção da identidade étnica a partir das diversas expressões culturais praticadas pela população negra. Segundo Ortiz, as reflexões destes teóricos devem se pautar nas “expressões culturais negras e construir uma identidade étnica que se contraponha à dominação do senhor branco” (2006, p. 141).

Registra-se que os estudos nessa área não são tão numerosos, mas aqueles que foram produzidos possuem consistência por apresentarem a identidade como fonte de múltiplas significações. E essa multiplicidade de significado se manifesta em diferentes espaços culturais: religiosidade, músicas, danças, festas, lutas pela terra, preservação da memória coletiva, dos rituais, a relação do negro com o meio ambiente, com o mundo do trabalho, no convívio comunitário e a sua interação com a produção simbólica que está cada vez mais próxima da sua realidade cotidiana.

### **3. IDENTIDADE ÉTNICA E REPRESENTAÇÕES QUILOMBOLAS**

Na relação entre identidade étnica e mídia, o estudo de Bonin (2005) apresenta argumentos de que as telenovelas, objeto de estudo da autora, reconfigura a identidade, uma vez que

[...] ao inserir-se no cotidiano das famílias, introduzem novos referentes culturais, passando a reconfigurar as experiências e participando de processos de recomposição do sistema simbólico da identidade. (BONIN, 2005, p. 47)

Nessa perspectiva, começamos a definir a construção da identidade étnica especialmente dos remanescentes de quilombos, a qual dedicamos atenção nesta pesquisa, a partir de dois eixos estruturantes. O primeiro eixo que ajuda na conceituação de identidade étnica passa pela preservação da memória coletiva dos quilombolas (HALBWACHS, 1990). A memória coletiva se apresenta na estrutura organizacional da comunidade quilombola, constituindo-se como elemento importante da tradição, das lembranças e das histórias do grupo, já que são atualizadas nas interações sociais cotidianas.



O segundo eixo estruturante da identidade étnica se refere ao pertencimento à comunidade quilombola. Quando ligamos a identidade ao pertencimento estamos certos de que ela também se apoia na história e na cultura dessa população. Logo, o pertencimento, a origem, as crenças dos quilombolas não devem ser vistos como algo estático, fixo e imutável, pelo contrário, há elementos de dinamicidade e de *reapropriações* dos sujeitos no interior da comunidade. E, a importância de verificar esses dois eixos como construtores da identidade étnica se justifica pela possibilidade de conectá-los ao processo de reconhecimento (GOHN, 2008).

O reconhecimento da identidade étnica implica tanto nas ações internas quanto externas. Os quilombolas se relacionam com as Instituições Públicas numa luta incansável em prol do reconhecimento da comunidade enquanto remanescentes de quilombo e buscam a permanência no local através da regularização fundiária. Vale ressaltar que a permanência dos quilombolas na terra, não é a terra pela terra, mas a conquista do espaço enquanto construtor de história e de memória do povo. Esses fatores contribuem também para o reconhecimento de uma identidade étnica que implica nas ações internas.

Para Poutignat e Streiff-Fenart (2001), estas ações estão ligadas às trocas sociais, à solidariedade, à cooperação, às práticas culturais e comunicacionais, fazendo com o reconhecimento no interior da comunidade se apoie nas ações subjetivas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011) e também nas expressões do ser indivíduo. Isto é, uma marca da sua condição vivenciada nas interações e na realidade cotidiana.

Para Gohn, ao conectar a identidade ao reconhecimento, “inicia-se o processo de dar sentido às ações, individuais ou coletivas. Nesse processo, os indivíduos transformam-se em sujeitos” (2008, p. 32). Ao serem reconhecidos enquanto sujeitos, os quilombolas passam a dar sentido às suas ações, participam do processo, interagem com as produções simbólicas e produzem novos significados, uma vez que estão abertos às possibilidades que surgem e atentos às mudanças socioculturais e econômicas que ocorrem dentro e fora da comunidade.



## **Considerações Finais**

A representatividade também é uma identidade na medida em que sugere as possibilidades de interpretação cultural de (por) um determinado povo. Isto é, a representação negra que, por anos fora desvalorizada, capta na memória deste momento histórico, uma identidade de luta e resistência aos estigmas negativos formados na sociedade. Portanto, entender esse processo no âmbito da comunicação, é saber que acima de qualquer simbologia representativa que as mídias, ou até mesmo os estudos acadêmicos, possam formar acerca de uma identidade específica, o que permanecerá intacto são os elementos simbólicos – os indivíduos.

Gohn (2008) salienta que, na medida em que estas representações possam inferir na realidade simbólica destes indivíduos, ou de um grupo, de forma a submetê-los a um estigma cultural, isto também será identidade. A questão que se propôs, portanto, é a compreensão do que é válido e subserviente à manifestação da comunicação como ferramenta para o reconhecimento destes grupos na sociedade.

Assim, a provocação empírica que destinou este trabalho sacia a inquietação causada na questão dos estudos de identidade e reconhecimento em comunicação. Ainda que a abordagem conceitual dos estudos culturais, vista em análise de contextos brasileiros, fomente a análise do ser indivíduo, o percurso teórico usado, impulsiona ao estudo das representações quilombolas e suas especificidades. Por ter valido como trabalho inicial de pesquisa, esta abordagem teórica contempla, pois, futuras análises objetivadas a um determinado grupo.



## Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BONIN, Jiani Adriana. Identidade étnica e recepção televisiva: revisitando dados de uma pesquisa empírica. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre: EdPUCRS, n. 28, 2005.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelynes. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. 2. Ed., São Paulo: Unesp, 2011.